

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE ESTIMULAM A LEITURA

Adriana Regina Feltrin Rauen *

RESUMO: A educação tem a leitura como meio de inclusão social e de melhoria para a formação dos indivíduos. Cabe, formalmente, à escola desenvolver as relações entre leitura e indivíduo, em todas as suas interfaces. No entanto, o tema leitura está mais associado à idéia de fracasso que de sucesso na escola e isso ocorre pelos mais diversos aspectos. Neste artigo serão tratadas as práticas pedagógicas que estimulam a formação de leitores. O objetivo principal é subsidiar a elaboração de diretrizes que orientem um trabalho pedagógico eficiente na promoção e desenvolvimento da leitura. Para isso, na implementação do trabalho, fez-se uma revisão teórica sobre as concepções de leitura, estudos sobre o assunto e, assim, levantaram-se práticas pedagógicas que possibilitam a intertextualidade para o trabalho com a leitura. Essas práticas foram aplicadas num grupo de alunos e os resultados avaliados paralelamente. Estes evidenciam a importância do papel do professor enquanto leitor e mediador, na evolução da prática de leitura dos alunos. Destaca-se a importância deste trabalho, pelos professores de todas as áreas, pois desenvolve um olhar crítico e promove a cidadania.

Palavras-chave: Leitura. Práticas Pedagógicas. Intertextualidade. Cidadania.

Abstract: Education has the reading as a means of social inclusion and to improve the training of individuals. It is, formally, the school develop the relations between reading and individual, in all its interfaces. However, the subject reading is more associated with the idea that failure to succeed in school and this occurs based on the most diverse aspects. This article will be treated the teaching practices that encourage the formation of readers. The main objective is to subsidize the development of guidelines to guide an effective pedagogical work in the promotion and development of reading. For this reason, during the work implementation, theoretical reviews were done over the reading's conceptions, the subject was studied, and after that, pedagogical practices that enables the intertextuality to the work with the reading were identified. Such practices have been applied to a group of students and the results evaluated in parallel. They highlight the importance of the role of the teacher as a player and mediator in the evolution of the practice of reading the students. The relevance of this work, by teachers in all fields, as a critical eye develops and promotes citizenship.

Keywords: Reading. Practice Education. Intertextual. Citizenship.

* Pós-graduada em Metodologia do Ensino e Avaliação, professora do Estado do Paraná e participante do Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado.

1. INTRODUÇÃO

É função primordial da escola, ensinar a ler. É função essencial da escola, ampliar o domínio dos níveis de leitura e escrita e orientar a escolha dos materiais de leitura. Cabe formalmente à escola desenvolver as relações entre leitura e indivíduo, em todas as suas interfaces.

A escola pode e deve trabalhar, desde as séries iniciais, com textos de diversas naturezas; com textos que surjam do cruzamento de linguagens variadas e, evidentemente, com os textos da literatura que criam a possibilidade do indivíduo explorar dimensões não usuais do imaginário coletivo e pessoal.

No entanto, uma das manifestações de maior descontentamento entre professores é que os alunos “não sabem ler”, “não gostam de ler”, “não aprendem a ler”, “não entendem o que o professor diz”. Portanto, o tema leitura está mais associado à idéia de fracasso que de sucesso.

Discute-se que o fracasso da escola, quanto à formação de leitores, passa pelos mais diversos aspectos, entre eles: pela posição dos livros na escala de valores da tradição cultural, pelo papel que os livros desempenham no sistema educacional, ou ainda, pela própria formação precária de um grande número de profissionais da escrita que não são leitores, tendo, no entanto, que ensinar a ler e a gostar de ler.

Percebe-se que entre o que o educador espera do aluno enquanto leitor e o leitor real que tem sido formado pela escola há uma grande distância, um vazio, a queixa. Neste ponto crucial está a prática, o trabalho pedagógico. A pergunta aqui é: o que acontece no tocante à leitura, que causa um distanciamento tão grande entre o que queremos, esperamos e o que temos, os resultados? Por que dizemos querer um

leitor competente, bem formado e temos como resultado leitores funcionais?

É importante ressaltar que a leitura é a base do processo de alfabetização e da formação da cidadania. Nesta perspectiva, cada professor deve ter clareza de que educa e ensina para o desenvolvimento das potencialidades do ser, tanto individual como social. Para isto, é necessário que o professor apresente uma nova postura, buscando o aperfeiçoamento e atualização dos conhecimentos aplicados à leitura e, principalmente, fazendo reflexões sobre o significado do ato de ler.

O Governo do Estado do Paraná, através do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, oportuniza a formação continuada de professores, visando atender as reais necessidades de enfrentamento de problemas ainda presentes na Educação Básica.

Esse Programa oferece aos professores acentuada carga horária de formação continuada no interior das universidades públicas e o retorno às atividades acadêmicas. Possibilita assim a relação do professor com a produção do saber, junto com o ensino e a pesquisa, reconhecendo-o como produtor do conhecimento no processo ensino-aprendizagem.

Cada professor PDE, a partir das dificuldades encontradas no interior da escola, deve escolher um objeto de estudo sobre o qual elabora seu plano de trabalho e desenvolve todo o programa, buscando a melhoria educacional a que se propõe.

Assim sendo, a escolha e o trabalho com o objeto de estudo deste artigo, ocorreu pela participação no PDE a partir da observação das questões de leitura que precisam ser melhoradas na escola.

Há necessidade de novos posicionamentos em relação às práticas de ensino da leitura, através da discussão crítica dessas práticas e da participação e envolvimento efetivo dos professores na busca de soluções para a superação dos problemas que se apresentam.

Sendo assim, com este estudo busca-se subsidiar ou pelo menos possibilitar a discussão de professores sobre diretrizes que possibilitem a superação do problema da leitura no processo ensino-aprendizagem.

Primeiramente, serão feitas reflexões acerca das concepções de leitura, e depois analisadas práticas de leitura que os professores têm usado em sala de aula, o que permite a construção de diretrizes de práticas pedagógicas que estimulam a leitura e contribuem para a formação de efetivos leitores.

Assim, se buscamos o enfrentamento do problema da leitura visando a sua superação, estamos melhorando o trabalho dentro da disciplina de Língua Portuguesa e, conseqüentemente, em outras áreas também.

2. REFLETIR A LEITURA

Um dos principais desafios a ser enfrentado pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente, pois a aquisição da leitura é essencial para agir com autonomia nas sociedades letradas.

O desafio da leitura é um desafio de democracia e de cidadania, da formação do aluno cidadão leitor, e isso vai além das paredes da escola. Porém, a escola é uma etapa muito importante nesse processo. A leitura é também instrumento para a participação do aluno, nas discussões da comunidade política.

Nas últimas décadas, as discussões sobre a leitura aumentaram consideravelmente, circulando em reportagens, congressos, no ambiente acadêmico entre outros. Apesar disso, o trabalho com a formação de leitores não tem alcançado a eficácia necessária. Lê-se pouco, lê-se mal e até mesmo não se lê.

Ler é condição necessária para a conquista da cidadania e participação social, para o acesso a informações que circulam das mais diversas maneiras, assim como para ingressar no mundo do trabalho. No entanto, mesmo diante de sua relevância, a leitura ainda é praticada por um número muito pequeno de brasileiros.

A necessidade que se coloca para a escola, família e demais espaços envolvidos no ensino da leitura e formação de leitores é a de possibilitar ao indivíduo sua constituição como leitor, pois ela lhe permite entender

criticamente a sociedade e nela interferir. Essa leitura deve ir além da simples decifração de símbolos.

Atualmente, quando o sistema educacional é acessível à maior parte dos cidadãos, não deveríamos falar de situações de analfabetismo. Entretanto, além do analfabetismo ainda estar presente em nossas realidades, acrescentam-se dados relativos aos “analfabetos funcionais”, ou seja, “pessoas que, apesar de terem freqüentado a escola e ‘aprendido’ a ler e a escrever, não podem utilizar de forma autônoma a leitura e a escrita nas relações sociais ordinárias”(SOLÉ, 1998, p.32).

Estes dados devem ser analisados adequadamente e levar-nos à reflexão sobre as práticas educativas que se realizam em nossa sociedade em relação à leitura.

O problema do ensino da leitura na escola ocorre na própria conceitualização do que é a leitura, na forma com que é avaliada pelos professores, no papel que ocupa na Proposta Pedagógica da Escola e, naturalmente, nas práticas pedagógicas que são adotadas para ensiná-la.

Pesquisas internacionais sobre qualidade do ensino revelam que a educação de qualidade é aquela em que os alunos aprendem o que é necessário para que possam vir a integrar-se e ter sucesso na sociedade de informação e tecnológica.

Segundo dados do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) de 2006, o Brasil piorou no índice de leitura tendo uma queda de dez pontos (393) em relação ao ano de 2003, quando tinha 403 pontos.

Conforme notícia sobre a avaliação do PISA, veiculada no Portal de Notícias da Globo:

“A situação é crítica para o país na avaliação da leitura: o Brasil se encontra no grupo de países que têm mais de 50% dos estudantes com dificuldades para usar a leitura como ferramenta para obter conhecimento em outras áreas”(JARDON, 2008, p.1).

Esses alunos necessitam, portanto, para aprender significativamente, desenvolver habilidades de leitura, compreender e interpretar rapidamente informações, resolver problemas, tomar decisões, dentre

outros aspectos. Portanto, nesse contexto, não tem mais sentido o desenvolvimento de aprendizagens meramente mecânicas orientadas por reproduzir lições. Torna-se necessário promovê-la como estimulação contínua ao pensamento e desenvolvimento de habilidades mentais.

Durante Seminário Internacional realizado na Colômbia, em 2006, “Lições Latino-americanas para promover a Educação para Todos”, concluiu-se que para melhorar a educação é necessário começar pela leitura. Gestores e educadores de países da América Latina, Caribe, África e Ásia, trocaram experiências de sucesso sobre a educação em seus países e os esforços para superar suas desigualdades e reconheceram que, no centro do desenvolvimento educacional dos alunos, está o esforço para desenvolver sua capacidade de leitura, como condição facilitadora de todas as demais aprendizagens.

Há necessidade de reflexão, então, sobre o que é leitura.

O ato de ler corresponde ao processo de apreensão da realidade que cerca o indivíduo. Essa realidade se revela ao leitor através de variadas linguagens. Portanto, o ato de ler não diz respeito à apreensão da realidade somente através da leitura do texto escrito: é a interpretação do pensamento expresso por símbolos da escrita com a vivência e a afetividade do leitor.

Se consultarmos dicionários, podemos encontrar definições como: ler é ver o que está escrito; interpretar por meio da leitura; decifrar; descobrir; tomar conhecimento do conteúdo de um texto pela leitura. Conforme Gadotti (1982), todas as definições sobre o que é ler levam à existência de um “leitor”, de um “código” e de um “autor”. Através do código, o autor expressa os seus pensamentos, comunicando-se com o leitor. O código é representado pelo texto, que deve ser compreendido, ou seja, é necessário que o leitor consiga atribuir-lhe significado dentro do contexto histórico em que vive.

Para MATOS e SILVA,

Ler é muito mais que simplesmente decifrar símbolos. É um ato que requer um intercâmbio constante entre texto e leitor e

envolve um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto – quer seja ele verbal ou não verbal – a partir dos objetivos do leitor, do seu conhecimento sobre o assunto, de tudo o que sabe sobre a linguagem. (MATOS e SANTOS,2006, p.62).

Na obra “Estratégias de Leitura”, Isabel Solé tem a leitura numa perspectiva interativa, segundo a qual escreve

A leitura é o processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita. Nesta compreensão intervêm tanto o texto, sua forma e conteúdo, como o leitor, suas expectativas e conhecimentos prévios. Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, idéias e experiências prévias (SOLÉ, 1998, p.23).

Nas Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio do Estado do Paraná temos “entende-se a prática de leitura como um ato dialógico, interlocutivo. O aluno/leitor, nesse contexto, passa a ter um papel ativo no processo de leitura, é o responsável por ‘reconstruir o sentido do texto’” (PARANÁ/SEED, 2008, p.35). Então, o texto não existe sem a presença do leitor. É no cruzamento de vozes do autor e dos leitores que os seus sentidos vão se elaborando e outras leituras ou outros textos vão se constituindo. Todo texto dialoga com a cultura de sua época e com a sua história.

Tal ótica concebe a leitura como instauradora de diálogos, propiciando diferentes formas de ver, de avaliar o mundo e de reconhecer o outro. Considera, também, o ato de ler uma transação entre a competência do leitor e a competência que o texto postula (ECO, 1993). Entende, em decorrência, que embora o autor movimente recursos expressivos, na tentativa de interagir com o leitor, a efetivação da leitura depende de fatores lingüísticos e **não-lingüísticos**: o texto é uma **potencialidade significativa**, mas necessita da mobilização do universo de conhecimento do outro – o leitor – para ser atualizado (PERFEITO, 2005, p. 54-55).

Então, a construção dos significados de um texto é também de responsabilidade do leitor. Um leitor pode, inclusive, ler e interpretar um texto para o qual ele não era o interlocutor originário.

Não lemos todos um mesmo texto da mesma maneira. Há leituras respeitadas, analíticas, leituras para ouvir as palavras e as frases, leituras para reescrever, imaginar, sonhar, leituras narcisistas em que se procura a si mesmo, leituras mágicas em que seres e sentimentos inesperados se materializam e saltam diante de nossos olhos espantados (MORAIS, 1996, p.13).

O ato de ler pode representar não apenas uma condição intelectual, mas também uma condição de libertação: a de poder ser um leitor mais autônomo e crítico de qualquer texto, em várias linguagens, do mundo que o rodeia, ou de mundos diferentes do seu.

Ler o mundo é assumir-se como sujeito da própria história. É ter consciência dos processos que interferem na sua existência como ser social e político. O indivíduo só é capaz de fazer uma leitura permanente do mundo, quando consegue captar o que se apresenta através do dinamismo deste mundo para nele interferir e atuar, sentindo-se, então, motivado para a leitura da palavra. Nesse sentido, a leitura da palavra escrita só se realiza quando interage com o espaço em que o homem se sente sujeito, ou seja, quando existe uma estreita relação com o trabalho e o contexto de que participa.

LAJOLO comenta sobre Paulo Freire dizendo,

Para Paulo Freire, leitura boa é a leitura que nos empurra para a vida, que nos leva para dentro do mundo que nos interessa viver. E para que a leitura desempenhe esse papel, é fundamental que o ato de leitura e aquilo que se lê façam sentido para quem está lendo. Ler, assim, para Paulo Freire, é uma forma de estar no mundo (LAJOLO, 2003. p.5).

E FREIRE, através de exemplos do cotidiano, mostra como lemos o mundo o tempo todo:

Desde que nascemos, vamos aprendendo a ler o mundo em que vivemos. Lemos no céu as nuvens que anunciam chuva, lemos na

casca das frutas se elas estão verdes ou maduras, lemos no sinal de trânsito se podemos ou não atravessar a rua. E, quando aprendemos a ler livros, a leitura das letras no papel é uma outra forma de leitura, do mesmo mundo que já líamos, antes ainda de sermos alfabetizados (FREIRE, 2003, p.5-6).

No mundo do conhecimento em que vivemos, caracterizado pela circulação na sociedade de um grande e diversificado volume de informações, a capacidade de ler e de interpretar textos em múltiplas linguagens é imprescindível, pois sem ela torna-se mais difícil ter acesso às informações e, principalmente, estabelecer relações entre aquelas que já estão ao nosso alcance.

As informações na Internet, por exemplo, são mais que simples arquivos digitais. Representam conteúdos que precisam ser lidos, analisados e interpretados. É preciso saber buscar e localizar a informação. Cabe ao leitor da Era do Conhecimento, ao ler textos da Internet, diferenciar o essencial, o relevante, o importante, o referencial para conseguir a informação precisa dentre todas as informações disponibilizadas.

A leitura e o domínio da linguagem, atualmente, são considerados instrumentos de apropriação de conhecimentos que contribuem para melhor desenvolvimento e realização pessoais, maior grau de autonomia para o indivíduo atuar na sociedade, condições para o exercício pleno da cidadania.

O desenvolvimento tecnológico exige também um leitor competente. Esse leitor é conceituado por LAJOLO como:

“O leitor que, diante de um texto escrito, tenha a autonomia suficiente para atuar desde a decodificação da mensagem no seu aspecto literal até o estabelecimento de um conjunto mínimo de relações estruturais, contextuais que ampliem a significação do texto a tal ponto que se possa considerar ter havido, efetivamente, apropriação da mensagem, do significado na multiplicidade de relações estabelecidas entre texto e leitor, entre textos, com o mundo”(LAJOLO, 1999, p. 105).

Portanto, a leitura é muito mais do que um instrumento escolar de decodificação de sons. É um passaporte para a entrada na cultura escrita. Não se concebe uma cidadania plena sem a utilização da leitura. E ler na

escola é ler para inserir-se na sociedade letrada. A leitura não é somente a apropriação do ato de ler e escrever; ela envolve o domínio de um conjunto de práticas culturais que exigem uma compreensão de mundo diferente daquela dos que não têm acesso à mesma. Ela tem um papel tão significativo na sociedade que podemos dizer que cria novas identidades, novas formas de inserção social.

Assim, faz-se necessário que nos conscientizemos enquanto educadores, da enorme responsabilidade diante da importância da leitura para a vida individual, social e cultural do ser humano. É obrigação da escola valorizar o livro, não como objeto para ser guardado na estante, mas para ser manuseado e lido. É obrigação da escola indicar diretrizes, estimular e incentivar a prática da leitura. Segundo Ziraldo (1988, p.27), “... a tônica da escola deveria ser a leitura, num trabalho que fizesse do hábito de ler uma coisa tão importante como respirar.” Nossa compreensão com relação ao pensamento de Ziraldo é de que o hábito de ler é fundamental, pois é lendo que chegamos à informação, ao conhecimento; é lendo que nos instruímos e nos tornamos independentes.

Não são desconhecidos da maioria dos segmentos envolvidos com a educação, os últimos resultados de avaliação da competência de leitura dos estudantes brasileiros.

Tanto as avaliações nacionais realizadas pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura), quanto às internacionais como o PISA, têm apontado para as dificuldades que os alunos dos Ensinos Fundamental e Médio apresentam em relação à leitura e à interpretação de textos de diversas naturezas.

Essas avaliações constataram que um número significativo de alunos brasileiros não compreende o que lê, não faz relações entre as múltiplas informações que recebe, tem dificuldade em interpretar, em apropriar-se do conhecimento trazido pela leitura e fazer deduções. Conseqüentemente, tem dificuldade de posicionar-se criticamente frente ao que lê.

Esses resultados trazem indicadores de um contexto educacional que tem sinalizado fortemente para a necessidade de mobilização de

vários setores da sociedade. É preciso reverter um quadro em que a formação escolar do aluno brasileiro ainda resulta num indivíduo sem autonomia de leitura suficiente para dar conta das necessidades do mundo atual – exigência de sociedades letradas para o exercício da cidadania.

Tomando-se por base esse contexto é que durante o PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional) 2007 elaborou-se um Plano de Trabalho e, posteriormente, realizou-se a aplicação do mesmo, cujo objeto de estudo é a leitura.

A opção pelo trabalho com a leitura vem de encontro às Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio do Estado do Paraná, cujo objetivo central é aprimorar os conhecimentos lingüísticos e discursivos dos alunos, para que possam compreender os textos que os cercam e terem condições de interagir com esses discursos.

Planejou-se o estudo, a pesquisa e a formação acadêmica necessários ao desenvolvimento do objeto de estudo. Realizou-se o levantamento e estudo do referencial teórico sobre a leitura e as práticas pedagógicas utilizadas para o trabalho com a mesma.

No segundo período do programa, elaborou-se um material didático chamado Objeto de Aprendizagem Colaborativo (OAC), produzido a partir do estudo teórico e da colaboração do Grupo de Trabalho em Rede.

Nesse material didático, foram feitas reflexões acerca das concepções de leitura e abordou-se a idéia de ocorrer o trabalho da leitura através dos professores de todas as áreas e não apenas do professor de Português. O material trata também da autonomia intelectual, da relevância que a leitura tem na formação do leitor e cidadão. São oferecidas indicações de sítios, vídeos, livros, textos e propõe-se atividades que irão auxiliar na compreensão e desenvolvimento do conteúdo trabalhado.

A aplicação da Proposta de Implementação ocorreu no CEEBJA (Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos) de Rio Negro

– Paraná, o qual oferece o Ensino Fundamental – séries Finais e o Ensino Médio nos períodos vespertino e noturno.

A proposta de implementação do Plano de Trabalho na Escola era a aplicação das práticas pedagógicas adequadas à Educação de Jovens e Adultos, com o objetivo de estimular a leitura e formar leitores efetivamente. As atividades desenvolvidas constam no Objeto de Aprendizagem Colaborativo (OAC).

Planejou-se também a realização de encontros quinzenais do grupo de trabalho, envolvendo-se professores de Língua Portuguesa e disciplinas afins do CEEBJA, para estudo, discussão e análise de vários aspectos relacionados à leitura como as concepções, encaminhamentos metodológicos, entre outros.

Sabendo-se da importância de estender os conhecimentos adquiridos durante o PDE - 2007 aos colegas de escola e de promover-se a análise e discussão das questões ligadas à leitura, é que planejou-se os encontros de grupos de trabalho, pois é necessário a busca da formação do professor como sujeito capaz de pensar a sua própria formação e participar ativa e criticamente de um projeto social de interesse coletivo.

E como afirma CORDEIRO,

Há algo fundamental que não pode nem deve ser esquecido: o saber acumulado ao longo de um percurso profissional e pessoal, que conforma a subjetividade singular e peculiar de cada um de vocês. A trajetória profissional do professor é tecida com saberes e experiências, não tenham dúvida. Isso confere uma relevância social e afetiva a cada gesto e olhar do professor sobre seu campo de trabalho. É a partir desse saber que você, professor, vai, com múltiplos e diversos olhares, ressignificando conceitos, reelaborando ou reorganizando suas práticas de leitura e de escrita (CORDEIRO, 2005, p.66).

2.1 A PROMOÇÃO DA LEITURA

Após os encontros do grupo de trabalho envolvendo professores de Língua Portuguesa e áreas afins e da aplicação das práticas pedagógicas de leitura com os alunos, planejou-se momentos de avaliação da abrangência, relevância e eficácia das práticas pedagógicas que foram

aplicadas com os alunos, verificando-se a necessidade e significação das mesmas para o desenvolvimento e alcance dos objetivos propostos com esse trabalho.

Apesar de todas essas etapas estarem previstas no Plano de Trabalho do PDE, durante o desenvolvimento, alguns encaminhamentos foram alterados tendo em vista diferentes condições que se apresentaram no processo de implementação.

A Educação de Jovens e Adultos nos CEEBJAS, por exemplo, é ofertada de forma presencial com organização coletiva e individual. A organização coletiva é programada pela escola e oferecida aos educandos por meio de um cronograma que estipula o período, dias e horários das aulas, com previsão de início e término de cada disciplina, oportunizando ao educando a integralização do currículo. A mediação pedagógica ocorre priorizando o encaminhamento dos conteúdos de forma coletiva, na relação professor-educandos e considerando os saberes adquiridos na história de vida de cada educando.

Já a organização individual destina-se àqueles educandos que não têm possibilidade de freqüentar com regularidade as aulas, devido às condições de horários alternados de trabalho.

No semestre da implementação do Plano de Trabalho na Escola, não formou-se nenhuma turma para cursar a disciplina de Língua Portuguesa na organização coletiva.

Com isso, a proposta de aplicação das práticas pedagógicas com o objetivo de estimular e desenvolver a leitura foi concretizada com alunos da organização individual. Alunos que vinham à aula na organização individual, eram convidados a participar de aulas de leitura, uma vez por semana, nas quais desenvolviam-se as mais variadas práticas pedagógicas de leitura.

Esses momentos tinham a duração de uma a duas horas, sendo atendidos em dias diferentes os alunos do Ensino Fundamental e os do Ensino Médio. Porém, como os alunos da organização individual não têm uma regularidade de freqüência às aulas, não teve constância no grupo

participante nessas atividades. Apesar disso, aproximadamente 50% dos alunos participantes freqüentaram quase todas as aulas de leitura.

2.2 O EXERCÍCIO DA LEITURA

Dentre as inúmeras práticas de leitura compiladas no decorrer do trabalho, algumas foram selecionadas para aplicação na escola buscando contemplar uma variedade de materiais de leitura, de gêneros textuais, etc.

A necessidade de selecionar as atividades que seriam aplicadas na escola, deve-se ao fato de que o tempo para implementação da proposta é curto e cada grupo apresenta necessidades próprias. Dentre as atividades aplicadas, algumas apresentam resultados mais positivos do que outras em função do encaminhamento dado a elas, da participação dos alunos e do que realmente estão acrescentando a cada um. Buscou-se também uma continuidade no trabalho de um encontro para o outro, apesar de que o grupo de alunos participantes não era sempre o mesmo.

Uma das atividades que se mostrou bastante eficiente entre os alunos, na aplicação, foi a de promover perguntas dos alunos sobre um texto. Inicialmente escolheu-se uma crônica que foi apresentada aos mesmos. Exploraram-se questões referentes à obra da qual a crônica foi retirada como: editora que a publicou, autor, público-alvo, informações encontradas na contra-capas e orelha do livro.

Depois, os alunos foram motivados a ler o texto escolhido. Após a leitura, solicitou-se que eles pensassem e formulassem perguntas sobre o texto.

Finalmente, os alunos formularam as perguntas para que elas fossem ouvidas e respondidas pelos colegas ou pela professora, se necessário. Caso fosse preciso, as perguntas podiam ser reformuladas no grupo.

Essa atividade estimulou o grupo de alunos, os quais mostraram-se surpresos com o desafio de promover perguntas sobre o texto lido, colocando-se numa posição diferente de apenas responder perguntas

feitas pelos professores. Perceberam, no entanto, que elaborar perguntas sobre um texto também exige entendimento do mesmo. A atividade possibilitou identificarem o que sabem e o que não sabem sobre o assunto.

Alguns alunos demonstraram bastante entendimento do texto, elaborando questões que iam além das informações explícitas nele, indicando a leitura de mundo que têm.

Outra atividade aplicada, no entanto, não teve os mesmos resultados positivos, avaliando-se a participação e entendimento dos alunos em relação à mesma, que foi a leitura de histórias em quadrinhos. Há que se levar em conta, todavia, que a mesma foi uma das primeiras atividades desenvolvidas durante essas aulas, momento em que os alunos ainda não estavam habituados às reflexões que são propostas neste trabalho e que alguns demonstravam até uma certa vergonha em participar de uma atividade proposta no grupo de alunos; tendo em vista que na organização individual desenvolvem na maior parte do tempo um trabalho individual que conta apenas com interferências dos professores que os atendem, mas há poucos momentos de diálogo e socialização das atividades e conhecimentos entre os colegas que estão cursando a disciplina. Esse fator, provavelmente, fez com que os alunos estivessem inibidos nos primeiros encontros.

Na atividade de leitura de história em quadrinhos explorou-se atividades prévias à leitura do texto. Houve referência aos aspectos da linguagem verbal e não verbal do texto e ao contexto em que o material da história em quadrinhos escolhida, foi produzida.

Foi proposta a observação, leitura, análise e discussão do gibi, estimulando a análise e relação das gravuras com o texto escrito, a percepção da leitura de mundo nesse material e as diferenças entre fantasia e fato.

Percebeu-se a dificuldade dos alunos em fazer as análises propostas. A falta de uso e experiência de observação de gibis/histórias em quadrinhos, por grande parte dos alunos envolvidos nessa atividade,

deve ser mais um fator da dificuldade que apresentaram na realização das tarefas solicitadas.

A orientação e os questionamentos propostos pela professora, mostraram-se extremamente necessários para que os alunos desenvolvessem as atividades da aula.

Quanto aos Encontros do Grupo de Trabalho, inicialmente, previu-se que seriam quinzenais. No entanto, no decorrer do processo foram sendo mais espaçados. Esses encontros aconteciam no dia previsto para hora atividade dos professores de Língua Portuguesa. Como os professores tinham também outras atividades previstas para esses momentos acabavam deixando de participar ou solicitavam o adiamento da atividade para outra data.

Porém, a maior parte desses momentos aconteceu, dando oportunidade ao grupo de professores participantes de refletir sobre as concepções de leitura e sobre as metodologias específicas para o desenvolvimento da leitura.

Diversas pesquisas sobre a realidade da leitura no Brasil mostram o perfil de grande parte dos profissionais da educação como não-leitores. A imprensa algumas vezes divulga o baixo grau de letramento dos professores. No entanto, não há como contestar que todo professor deve ser leitor, pois sua formação e práxis exigem tal condição.

Portanto, é necessário aprimorar as ações de leitura que já vêm sendo desenvolvidas na escola, com subsídios teóricos aos professores, buscando melhorar suas ações docentes a partir da leitura. Isso porque a experiência do professor como leitor é um dos elementos imprescindíveis no trabalho que desenvolverá em sala de aula com o objetivo de formar novos leitores.

2.3 A ATUAÇÃO DO PROFESSOR

O gosto pela leitura é despertado pelo próprio entusiasmo do professor que incentiva o aluno ao aproximar-se dos livros. Ou seja, para formar leitores, é preciso que o mediador desse processo se interesse por

livros de tipos variados e que compartilhe suas descobertas e aprendizagens.

Para facilitar a formação de leitores, é necessário que o professor se apresente como leitor, atualizado e participante. É fundamental que os alunos vejam seu professor envolvido com a leitura e com o que se conquista através dela. Observar um professor seduzido pela leitura pode despertar o desejo de fazer o mesmo. Mostrar a importância da leitura no desenvolvimento intelectual, crítico e criativo do educando, será relevante então.

Assim, como FREIRE coloca,

...(porque há também uma espécie assim de sabedoria de fazer a leitura, que você obtém fazendo a leitura)... Isto é: você não ensina propriamente a ler, a não ser que o outro leia, mas o que você pode é testemunhar ao aluno como você lê e o seu testemunho é eminentemente pedagógico(FREIRE, 1982, p.8).

Aprender a ler não é uma atividade natural, para a qual o aluno se capacita sozinho. Entre livros e leitores há importantes mediadores. E o mediador mais importante é o professor, presença fundamental na história de cada um dos alunos.

A leitura é ferramenta essencial para a prática profissional do docente, por isso o professor precisa revelar-se um leitor que seja referência para seus alunos. Cabe ao professor o papel de desenvolver no aluno o gosto pela leitura através de uma aproximação significativa com os livros. Cada professor, de acordo com sua história de leitura e as necessidades de seus alunos, tem condições de avaliar o melhor caminho a ser traçado. Porém, para que haja êxito na formação do leitor, é preciso efetuar uma leitura estimulante, reflexiva, diversificada, crítica, ensinando os alunos a usarem a leitura para viverem melhor.

O professor no trabalho com a leitura, segundo NEVES é

... aquele que apresenta o que será lido: o livro, o texto, a paisagem, a imagem, a partitura, o corpo em movimento, o mundo. É ele quem auxilia a interpretar e a estabelecer significados. Cabe a ele criar, promover experiências, situações novas e manipulações que conduzam à formação de uma geração de leitores capazes de dominar as múltiplas formas de linguagem

e de reconhecer os variados e inovadores recursos tecnológicos, disponíveis para a comunicação humana presentes no dia-a-dia (NEVES, 1998, p.14).

O educador deve saber o quanto sua prática e ação em sala de aula são importantes e que sua mediação motivará ou não o aluno à prática da leitura. Isso comprovamos com a implementação desse trabalho. Alunos que nas primeiras aulas de leitura diziam que não gostavam de ler, com o passar das aulas mostraram-se bastante motivados e participantes nas atividades. Demonstraram também a percepção do quanto cresceram nesse processo e o reconhecimento de como a leitura pode melhorar suas vidas.

O primeiro passo para a formação do hábito da leitura na escola diz respeito à seleção de material, que deve servir para informação e recreação, e não ser imposto como obrigação, uma vez que a passagem pela escola, muitas vezes, é a única oportunidade que o aluno tem de entrar em contato com a leitura. Nesse espaço, o professor é um dos maiores responsáveis por desenvolver a prática da leitura em seus alunos, fornecendo-lhes livros e outros materiais de leitura, indicações bibliográficas, abrindo-lhes, enfim, o universo da leitura.

Há que se refletir também sobre o papel da escola na sistematização e utilização das múltiplas linguagens. A importância do ler e escrever chega, então, por diversos meios, aos professores das diferentes áreas para que reflitam sobre suas práticas e promovam um novo esforço em direção à leitura e à escrita como conhecimentos privilegiados pela sociedade.

Destaca-se a importância do trabalho com a leitura nas mais diversas áreas e não apenas na disciplina de Língua Portuguesa, pois os professores da escola participam da mesma grande tarefa: a formação de novos cidadãos para um mundo cada vez mais exigente quanto à qualidade da leitura.

É essencial resgatar a leitura como tarefa da escola, questão para todas as áreas, uma vez que é habilidade indispensável para a formação dos alunos e responsabilidade da escola no todo. Dar condições ao aluno para que se aproprie do conhecimento historicamente construído e

participe nessa construção como produtor de conhecimento é ensinar. Ensinar o aluno a ler é torná-lo capaz de apropriar-se do conhecimento acumulado que está escrito em livros, revistas, jornais, arquivos, etc. Na implementação dessa proposta, levamos os alunos a perceberem que a leitura é um instrumento de apropriação do conhecimento em todas as áreas, na escola e na vida e que buscamos desenvolver a autonomia e competência dos mesmos, nesse processo.

Assim, professores de todas as áreas, ao invés de afirmarem que os alunos não têm o hábito da leitura, devem dedicar-se a proporcionar muitas oportunidades para que todos descubram que ler é uma atividade muito interessante, que a leitura proporciona prazer, diversão, conhecimento, enfim, uma vida melhor. Essas oportunidades terão de ser tantas quantas forem necessárias para que o aluno passe a gostar de ler e, por isso, sinta a necessidade da leitura e que esta torne-se prática.

Através do estudo desenvolvido durante todo o Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE e da aplicação de práticas pedagógicas que buscam estimular a leitura, cuja implementação ocorreu com alunos no CEEBJA, estabeleceram-se referências e comprovações que possibilitam a orientação de algumas diretrizes para o trabalho com a leitura. Com as mesmas, busca-se auxiliar os professores no encaminhamento metodológico da leitura, tornando esse trabalho eficiente.

Verificou-se que é importante propiciar situações em que “se trabalha” a leitura e outras em que simplesmente “se lê”. Na escola, as duas devem estar presentes, pois são relevantes.

Será necessário também que o professor articule diferentes situações de leitura: oral, coletiva, individual e silenciosa, compartilhada; e que encontre os textos mais adequados para alcançar os objetivos delineados para cada momento. O fundamental é conseguir que a atividade de leitura seja significativa para os alunos, corresponda a uma finalidade que eles possam compreender e compartilhem.

Antes de iniciar o trabalho com a leitura, o professor deve refletir na complexidade que o caracteriza e na capacidade que os alunos têm para

enfrentar – de sua maneira – essa complexidade. Dessa forma, o professor passará a observá-los e oferecer ajudas adequadas para que superem os desafios que envolvem a atividade de leitura.

Para isso o professor deve escolher textos que sejam mais adequados aos alunos para que o entendimento da leitura seja produtivo, mas também outros de leitura complexa, que orientados pelo professor permitam tornar o diálogo possível. Deve-se garantir que o leitor compreenda o texto, mesmo que vá sendo orientado para construir uma idéia sobre seu conteúdo, extraindo dele o que lhe interessa, de acordo com seus objetivos. Isto pode ser feito através de uma leitura individual, que permita avançar e retroceder de forma que o aluno pense, recapitule, relacione a informação com o conhecimento prévio, formule perguntas, decida o que é importante e o que é secundário.. Este é um processo interno do aluno, mas que deve ser ensinado, ou seja, o professor orientará sua leitura e interpretação, ensinando-lhe assim, estratégias para a compreensão dos textos. Estas estratégias encaminharão a construção de uma interpretação para o texto, tornando o leitor consciente do que entende e do que não entende, para procurar resolver o problema que lhe surge.

As estratégias devem auxiliar o leitor a escolher outros caminhos quando se defrontar com problemas na leitura.

A essa altura da análise, vale destacar que estão de acordo com o que estudamos e implementamos no decorrer desse trabalho, citando as atividades cognitivas que devem ser desenvolvidas através das estratégias de leitura, PALINCSAR & BROWN(1984), citados por SOLÉ(1998, p.73). Essas atividades cognitivas resumidamente são:

1. Compreender os propósitos implícitos e explícitos da leitura o que equivale a responder questionamentos como: Que tenho que ler? Por que tenho que lê-lo?
2. Ativar e levar à leitura os conhecimentos prévios importantes para o conteúdo em questão. Que sei sobre o conteúdo do texto ou sobre

conteúdos afins que possam ser úteis (sobre o autor, o gênero, tipo de texto...)?

3. Direcionar a atenção ao fundamental, em detrimento do que é secundário no texto. Qual é a informação essencial do texto que é necessária

para conseguir o meu objetivo de leitura? Que informações são pouco relevantes para o propósito que tenho com o texto?

4. Analisar a consistência interna do conteúdo expresso pelo texto e sua adequação com o conhecimento prévio e com o “sentido comum”. As idéias expressas no mesmo têm coerência? Que dificuldades apresenta?

5. Verificar se a compreensão ocorre mediante a auto-interrogação: O que se pretendia explicar neste parágrafo, subtítulo, capítulo? Qual é a idéia fundamental que extraio dos principais pontos?

6. Elaborar e comprovar inferências de diversos tipos, como hipóteses, previsões, conclusões. Qual pode ser o final desse texto? Que sugestão daria para resolver o problema exposto no texto? Qual pode ser o significado desta palavra que desconheço?

Além desses itens, há outros que estão em desenvolvimento em nosso trabalho, porém todos com um objetivo comum: despertar a prática da leitura com autonomia e competência.

É interessante que o professor não se limite a utilizar apenas alguns tipos de textos; sempre que possível deve-se trabalhar com textos variados que apesar de não serem os mais habituais às práticas escolares, provavelmente, aparecem com mais freqüência no dia-a-dia da escrita. Na aplicação dessa proposta, , foi visível o envolvimento dos alunos que, certamente, pela variedade de textos que utilizamos, perceberam a importância da leitura em suas vidas.

Uma variedade de textos pode ser utilizada no trabalho com a leitura, como: história em quadrinhos, piada, convite, classificado, conto, relatório, ata, notícia, peça de teatro, manual de instruções, previsões de horóscopos, boletins meteorológicos, poesia, slogan, oração, provérbio, informativo, jornalístico, carta, bilhete, e-mail, crônica, panfleto, requerimento, manchete, lista telefônica, dicionário, enciclopédia,

receitas, instruções, regras de funcionamento, resumo, esquema, resenha, literatura, propagandas, anedotas, charadas dentre outros.

A estrutura do texto oferece indicadores que permitem antecipar a informação que veiculam e isso facilita enormemente sua interpretação.

Ensinar o que caracteriza cada um destes textos, indicar as pistas que contribuem à sua melhor compreensão e fazer com que o aluno adquira consciência de que pode utilizar as mesmas formas que o autor usou para escrever, porém agora para interpretá-lo é muito relevante.

Um primeiro motivo pelo qual é importante distinguir entre os textos que lemos é porque eles são diferentes, têm estruturas e objetivos diferenciados. Não é da mesma forma que vamos ler este artigo e um romance, nem a leitura de um relatório de pesquisa é a mesma que a leitura de uma piada. Vale explicar no trabalho com os alunos que diferentes textos despertam em quem lê, diferentes expectativas. Na escrita, cada texto tem um esquema, uma estrutura formal de elaboração. E esses mesmos esquemas podem ser usados no trabalho de interpretação do leitor. Explorar a organização da estrutura de cada tipo de texto e o seu contexto (local e data de publicação, interlocutor e autor do texto, intencionalidade) será caminho para a interpretação do mesmo e de outras leituras que estão por vir.

Importante destacar também que práticas pedagógicas de leitura requerem períodos longos para serem desenvolvidas porque não dependem apenas do conhecimento de regras.

Segundo LERNER,

Aprende-se a ler por meio de muitas leituras, do conhecimento de diversos autores, de vários setores da cultura escrita, etc. Tudo isso depende de jornadas longas. É um processo em espiral, no qual se volta a certos conteúdos sob uma nova perspectiva. Há aspectos que ocorrem simultaneamente e necessitam de diferentes situações para que sejam apropriados (LERNER, 2006, p.16).

Entender isso parece ser de fundamental importância para consolidarmos o trabalho com a leitura, pois para dar sentido à mesma são necessários projetos que não acabem em um dia.

Deve-se lembrar também que para que o texto dialogue com o universo do leitor é preciso que esse leitor mobilize conhecimentos prévios que possibilitam tornar o texto mais significativo. Para isso, o professor deve lançar mão de atividades motivadoras de antecipação de leitura, ou seja, que criem expectativas em relação ao que vai ser lido, que façam com que o leitor relacione com leituras e vivências anteriores, tendo, portanto, significado para o mesmo.

Antes da leitura de qualquer texto, é necessário prevê-lo, analisá-lo e fazer o aluno perceber o que ele já domina em termos de conteúdo e vocabulário.

Qualquer um dos aspectos a seguir, ou uma combinação deles, pode ser usado cada vez que se introduz um novo texto para os alunos. Em cada momento pode-se escolher o que parecer mais adequado. Foi dessa forma que trabalhamos na implementação das atividades, usando o bom senso e fazendo as explorações necessárias a cada grupo de alunos e texto utilizado.

Inicialmente, pode-se dar uma explicação geral sobre o que será lido. Isso não significa explicar o conteúdo, mas indicar o tema aos alunos. Dessa forma, eles poderão relacioná-la a aspectos da sua experiência prévia e terão um plano de leitura que indica o que têm de fazer com ela.

Outro aspecto muito relevante é ajudar os alunos a prestarem atenção em elementos do texto que podem ativar seu conhecimento prévio como ilustrações, títulos, subtítulos, enumerações, sublinhados, mudanças de letras, resumos e organização dos parágrafos. Isso varia em função do texto a ser lido.

O professor pode explorar esses aspectos pedindo aos alunos que observem título e subtítulos e falem do que acham que o texto está tratando; olhem as figuras e digam a que elas se relacionam; leiam o primeiro e o último parágrafos e tentem deduzir do que trata o texto; leiam o título, passem os olhos, rapidamente, sobre o texto e circulem

todas as palavras que têm alguma ligação com o título; após olhar o título, as figuras e o primeiro parágrafo, tentar elaborar, mentalmente, algumas perguntas cujas respostas acha que o texto traz; selecionar algumas palavras do texto (de preferência palavras-chave), escrevê-las e pedir aos alunos que tentem localizá-las e circulem-nas no texto.

Finalmente, nesse trabalho, deve ser iniciada a leitura, lembrando aos alunos que não parem diante de uma palavra desconhecida, para não perder o ritmo.

Nesse trabalho, é essencial também levantar questões que explorem o contexto, discutindo a realidade do texto trabalhado como: data, de onde foi retirado, finalidade, especificidade do gênero, lugares preferenciais de circulação e o interlocutor do mesmo. Essa atividade foi utilizada no trabalho de ler e interpretar uma história em quadrinhos. Os alunos tiveram muita dificuldade e a professora teve que mediar o entendimento dessas questões, levar os alunos a perceberem a importância delas para a interpretação do texto.

Em todas essas etapas, é fundamental a orientação, a seqüenciação, acompanhamento e conhecimento que o professor oferece aos alunos fazendo a mediação de todo esse processo.

Buscando a motivação do aluno, toda atividade de leitura deve ser iniciada de forma que o aluno encontre sentido no que deve fazer. O aluno tem que conhecer os objetivos que se pretende que alcance, pensar e sentir que pode fazê-lo, reconhecer que tem os meios necessários e a possibilidade de pedir e receber a ajuda precisa e achar interessante o que se propõe que ele faça.

Um dos fatores que contribuem para o interesse da leitura é que o material ofereça certos desafios ao aluno. Deve-se levar em conta o conhecimento prévio do aluno em relação ao tema ou conteúdo do texto a ser trabalhado e oferecer a ajuda necessária para que consiga construir significado adequado sobre ele. Situações reais de leitura também são motivadoras.

Resgatar leituras que fazem parte do cotidiano dos alunos e explorar esses materiais, mostram aos alunos que a leitura é uma prática social,

portanto, significativa em suas vidas. Desse trabalho fazem parte por exemplo: outdoors, camisetas, cartões, lista telefônica, folhetos de propagandas, cartazes, mapas, receitas, internet, anúncios, placas na rua, letreiro de ônibus, nomes de ruas, dos bancos, casas comerciais. O professor pode aproveitar e introduzir então idéias como previsão, dedução, inferência, etc.

A motivação surge também de relações afetivas que o aluno estabelece com a língua escrita. Isso ocorre, principalmente, quando o aluno vê que seus professores e pessoas importantes para ele, valorizam, utilizam e desfrutam da leitura e da escrita e, quando ele mesmo pode desfrutar da mesma com sua aprendizagem e domínio.

O aluno precisa ter alguns indícios de que sua atuação em relação à tarefa de leitura será eficaz para que se sinta motivado em relação a ela.

Motivar para a leitura consiste em planejar muito bem a tarefa de leitura, escolher com critério os materiais que serão utilizados, dar ajudas prévias a alunos que possam necessitar, evitar situações de concorrência entre os alunos, utilizar sempre que possível situações de uso real da leitura e deixar o aluno avançar em seu próprio ritmo, construindo sua própria interpretação.

Além de todo o trabalho buscando a promoção da leitura em sala de aula, os alunos devem ser estimulados a freqüentar espaços de leitura como a biblioteca escolar e bibliotecas públicas. É importante que o professor oriente nas pesquisas que devem realizar e a utilização dos recursos disponibilizados como localizar livros, informações; selecionar, registrar e tomar notas do que lê. Na aplicação dessa atividade, foi visível a dificuldade que a maioria dos alunos têm de fazer uma pesquisa na biblioteca com autonomia. Mais uma vez as orientações da professora mostraram-se indispensáveis para o entendimento dessa atividade.

É importante que a biblioteca ou sala de leitura esteja, sempre que possível, de portas abertas, pronta para acolher os leitores. Também é preciso escutar sempre o que os freqüentadores têm a dizer. A organização do acervo deve se adequar ao desejo dos leitores,

disponibilizando diversos tipos de textos: informações, estudo, pesquisa, lazer, etc.

É interessante possibilitar o livre acesso aos livros, porque deixar o leitor mexer livremente nas estantes ou expor alguns livros sobre as mesas proporciona um contato direto dos alunos com o material da biblioteca, o que estimula a curiosidade e o interesse individual.

Se a biblioteca existe como um “Centro Cultural”, é preciso fazer junto com toda a equipe escolar uma programação com atividades diversas como: contação de histórias, debates, entrevistas, depoimentos, histórias narradas pela comunidade escolar, recital de poesia, dramatizações, concursos, jogos, hora do conto, teatro de fantoches, coral, etc. sem perder o foco de sempre explorar a leitura. Quando se elabora essa programação, como uma forma de aproximar alunos e livros, inclui-se a divulgação dos recursos da biblioteca, tais como: livros, revistas, discos infantis, gibis, informações, filmes, fotografias, jogos, brinquedos, etc.

A leitura na biblioteca segundo FREIRE(1989) citado por NEVES (1998, p. 223) é:

Assim, o ato de ler “a” e “na” biblioteca transcende, portanto, ao processo de leitura de sinais gráficos. Envolve, no dizer de Freire(1989), a leitura do mundo. Constitui-se em ação multidimensional que, no momento de sua realização, aciona, no indivíduo que a pratica, uma gama de processos mentais que lhe permitirão apreender, rememorar, associar, compreender, interpretar e assimilar, para, em seqüência, reelaborar, de uma ou várias formas, seqüencial ou simultaneamente, a mensagem que se lhe apresenta (NEVES, 1998, p.223).

O uso de diferentes recursos possibilita diferentes experiências e visões de mundo. Cada um desenvolve habilidades diferentes no processo de letramento e, portanto, um não pode substituir o outro.

E assim, é importante propor-se a observação, análise e discussão de outros materiais além de livros. Desta forma, os alunos fazem a leitura de outros materiais. Nesse trabalho, podem ser utilizados recursos como quadros, charges, figuras, fotografias, lista telefônica, jornais, revistas,

histórias em quadrinhos, outdoors, camisetas, cartões, mapas, tabelas, gráficos, o corpo, a música entre outros. Esse trabalho estará facilitando o entendimento de leituras posteriores.

Um dos trabalhos desenvolvidos e já citados, anteriormente, foi o de leitura de histórias em quadrinhos através do qual analisou-se a linguagem verbal e não-verbal, fez-se a exploração de atividades prévias à leitura do texto e ao contexto da produção.

Outra possibilidade interessante é a de ler e discutir quadros. Usar palavras para descrever cores, formas, ações e emoções. Encontrar figuras, pinturas e fotografias relevantes que levem à discussão do conteúdo de um livro. Ações físicas e expressões faciais podem ser introduzidas e discutidas através de figuras. Os alunos podem ser estimulados a examinar figuras e encontrar exemplos dessas cores, formas, ações e emoções.

E conforme SEFFNER escreve,

Uma leitura chama o uso de outras fontes de informação, de outras leituras, possibilitando a articulação de todas as áreas da escola. Uma leitura remete a diferentes fontes de conhecimentos, da história à matemática. Nesse sentido, leitura e escrita são tarefas fundamentais da escola e, portanto, de todas as áreas (SEFFNER, 1998, p.121).

Enfim, a formação de um leitor deve valer-se de vivências sistemáticas de leitura carregadas de significado, de sentidos que contribuam para o ser/estar no mundo. Deve envolver práticas sociais, nas quais o indivíduo sinta a necessidade de ler. Deve, ainda, fazer do ato de ler um momento de apropriação de saberes, de conhecimento de si e do mundo, e, sempre que possível, também um momento de prazer.

O propósito deste estudo é somar-se à vontade de professores que compreendem o valor que têm como transformadores da realidade, que respeitam as diferenças e buscam promover uma ação pedagógica de qualidade a todos os alunos, e procuram concretizar sugestões de práticas pedagógicas de leitura que viabilizem caminhos para o aperfeiçoamento de efetivos leitores.

3 .CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aprender a ler é não só uma dos objetivos mais importantes da vida escolar. É uma vivência única para cada pessoa. Ao dominar a leitura abrimos a possibilidade de adquirir conhecimentos, desenvolver raciocínios, alargar a visão de mundo, do outro e de si mesmo, participar ativamente da vida social.

No entanto, até hoje, ler é um problema para muitas pessoas. Cabe à escola, em meio a tantas mudanças tecnológicas e sociais, estimular a leitura, melhorar as estratégias, principalmente de compreensão e oferecer muitos e variados textos.

O problema do ensino da leitura ocorre, na escola, em vários aspectos como a ausência de um trabalho interdisciplinar sobre a mesma, a dificuldade de conceitualização do que é leitura, divergências na concepção, encaminhamento metodológico e avaliação da leitura em relação ao Projeto Político Pedagógico e a prática que se efetiva na escola.

No desenvolvimento desse trabalho, a leitura é vista como um processo de produção de sentido que se dá a partir de interações sociais ou do diálogo que ocorre entre leitor/texto/autor. Assim, não existe texto sem a presença do leitor. É o leitor que dá voz e vida ao texto. É no cruzamento de vozes que os sentidos do texto vão se formando.

Importante também perceber que todo texto dialoga com a cultura de sua época e com a leitura de mundo. Compreender isto é ler percebendo o contexto sócio-histórico-cultural do mesmo.

Paulo Freire afirma que “a leitura do mundo precede sempre à leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 2003, p. 40).

Quando há compreensão efetiva do que essa concepção de leitura promove e o professor acredita na mesma, a teoria se efetiva na prática, o professor terá, então, uma postura adequada à mesma.

Para o enfrentamento dessa problemática da leitura, alguns itens foram analisados e aplicados com alunos, buscando-se levantar quais que

efetivamente trazem resultados positivos no processo ensino-aprendizagem.

Dessa forma, podemos pontuar, inicialmente, a importância do papel do professor como leitor o qual serve de modelo para os alunos e a função de mediador que tem nesse processo. O aluno precisa de apoio, informação, incentivo e dos desafios proporcionados pelo professor. Assim, o aluno vai dominando, progressivamente aspectos da tarefa de leitura que, no início, são distantes dele.

Necessário refletir, ainda, que o ensino da leitura não é questão de um curso ou professor, mas questão de toda a escola e de todos os professores.

Importante destacar que a coerência, continuidade e progressão da intervenção no trabalho com a leitura são essenciais, pois as práticas decorrentes desse trabalho precisam de um processo longitudinal, porque acontecem durante toda a vida escolar e prolongassem por toda a vida, agregando à pessoa cada vez mais leituras no sentido pleno da palavra.

Com este trabalho, abrem-se perspectivas para outros estudos. Sugere-se, por exemplo, a análise de uma forma contemporânea de leitura, a da Internet. Essa leitura, na sociedade global, tem vários aspectos que precisam ser apreendidos como: os fragmentos e efemeridades da informação, a competência para selecionar as leituras evitando a sobrecarga de informações, a troca de identidades e de responsabilidades no ambiente da Sociedade da Informação e o domínio das linguagens e das tecnologias digitais.

Outro estudo que oferece possibilidades de pesquisa e intervenção pedagógica é o desenvolvimento da leitura visto como objetivo de todos os profissionais na escola e não somente do professor de Português. Ainda que o trabalho com a leitura implique estratégias diferenciadas para a aprendizagem em cada área, esse compromisso comum de todos os professores deve ser altamente positivo em vários aspectos.

Buscou-se com esse trabalho levantar reflexões acerca das concepções de leitura, pontuar questões sobre o encaminhamento

pedagógico da mesma, além de discutir possibilidades do trabalho docente capazes de permitir o encontro do aluno com atividades de leitura que lhe despertem o prazer de ler, instiguem a imaginação e favoreçam a compreensão da realidade e da cultura que o circundam como prática.

Enfim, espera-se que tenha sido provocado um olhar e um refletir sobre a ação da escola, sobre seu compromisso. Que eles abram perspectivas de interação sobre a atividade de ensinar e encaminhem efetivamente ações de sucesso na escola, oportunizando a nossos alunos construir sentido e produzir conhecimento através da leitura.

REFERÊNCIAS

ECO, Humberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 22.ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1988.

_____. **Da leitura do mundo à leitura da palavra. Leitura: teoria e prática**. Porto Alegre: Mercado Aberto, Nov. 1982.

GADOTTI, Moacir. **O que é ler? Leitura: teoria e prática**. Porto Alegre: Mercado Aberto, p. 16-17, Nov. 1982.

JARDON, Carolina. **Alunos da região Sul têm melhor desempenho no Pisa**. .Globo.com. Disponível em [HTTP://g1.globo.com/](http://g1.globo.com/) Notícias. Acesso em 23/01/2008.

LAJOLO, Marisa (Org.) . **A importância do ato de ler**. São Paulo: Moderna, 2003.

LERNER, Delia. **É preciso dar sentido à leitura**. Nova Escola. São Paulo: Abril, 2006.

MORAIS, José. **A arte de ler**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt; SOUZA, Jusamara Vieira; SCHÄFFER, Neiva Otero et al. (orgs.). **Ler e Escrever: compromisso de todas as áreas**. 8. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio**. Curitiba: SEED, 2008.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TURCHI, Maria Zaíra; SILVA, Vera Maria Tietzmann(orgs.). **Leitor formado, leitor em formação leitura literária em questão**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.

ZIRALDO. A escola não está preparada para a mágica da leitura. **Nova Escola**, São Paulo: Abril. n. 25. p.26-29. out 1988.

LEITURAS COMPLEMENTARES

ALLIENDE, Felipe; CONDEMARIN, Mabel. **A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento**. 8. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

BENCINI, Roberta. Compreender, eis a questão! **Nova Escola**, São Paulo: Abril, n. 160, p. 48-51, mar. 2003.

_____. Todas as leituras. **Nova Escola**, São Paulo: Abril, n.194, p.30-37, ago. 2006.

CRAMER, Eugene H.; CASTLE, Marrietta (orgs.). **Incentivando o amor pela leitura**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da ,Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 8. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUNDAÇÃO NESTLÉ DE CULTURA. **Caderno Pedagógico da Viagem Nestlé pela Literatura**. São Paulo, 2004.

LÜCK, Heloísa. A Gestão Pedagógica da escola focada na leitura promove educação de qualidade. **Gestão em Rede**, Curitiba, n. 73, p.8-9, out. 2006.

MILANI, Aloísio. Por que professor não gosta de ler? **Educação**, São Paulo: Segmento, n.77, p.36-44, set. 2003.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura**. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PÁTIO REVISTA PEDAGÓGICA, Porto Alegre, n.33, fev. abr. 2005.

VIEIRA, Marli. Um menino chamado Ziraldo. **Aprende Brasil**, Curitiba: Positivo; n. 10, p. 36-40, abr./maio. 2006.